

Manifestações de Debord no Imaginário Mão Morta

Pedro Portela

Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho

Resumo

Este trabalho tem como ponto de partida «A Sociedade do Espectáculo», de Guy Debord (edição original de 1967), e o modo como se manifesta em «Há Já Tanto Tempo Que Nesta Latrina O Ar Se Tornou Irrespirável», disco dos Mão Morta, de 1998.

Procuramos explorar a forma marcada como o pensamento de Debord, 30 anos depois, molda a visão de sociedade de um dos grupos rock mais importantes da produção musical portuguesa e, com isso, atinge a multidão anónima dos seus fãs.

Introdução

À data da edição de «Há Já Muito Tempo Que Nesta Latrina O Ar Se Tornou Irrespirável», disco do grupo musical Mão Morta que viu a luz do dia em 1998, no exercício da minha actividade radiofónica entrevistei Adolfo Luxúria Canibal, autor de todos os textos aí musicados. Foi ele quem me falou da influência que Debord e outros autores alinhados com o movimento Situacionista tinham exercido nessa sua obra específica e que o tinham ajudado a determinar o tom geral adoptado, extremamente crítico para com a sociedade capitalista e os seus valores de consumo.

Recordo que nessa altura arrumei a leitura da obra de Debord na gaveta das promessas feitas a mim mesmo, à espera de uma oportunidade de concretização. Que aconteceu apenas 6 anos depois...

Ao longo deste texto vou tentar elucidar as principais ideias contidas no livro de Debord, integrando-as com as manifestações efectivamente encontradas em «Há Já Muito Tempo Que Nesta Latrina O Ar Se Tornou Irrespirável».

O Espectáculo

A principal ideia que emerge de «A Sociedade do Espectáculo» é a de que as sociedades «nas quais reinam as condições modernas de produção»¹ se deixaram arrastar para um

¹ Debord (1991, pp. 1)

estado de não-vida, resumindo-se e confinando-se a uma manifestação bulímica de humanidade, materializada numa interminável sucessão de espectáculos cujo controle é detido por uma elite poderosa e oculta.

O espectáculo é, na acepção de Debord, a dominação absoluta das representações sobre o real, ou seja, já não se vive directamente a realidade concreta, dado que esta se encontra mediada por imagens e é apenas a estas que temos acesso. Dá-se, assim, uma inversão das imagens, que se tornam autónomas e separadas das realidades representadas, constituindo no seu conjunto uma pseudo-realidade paralela ao «mundo directamente vivido»².

Desde já é importante notarmos a comunhão de ideias entre Debord e os Mão Morta. Atentemos nas palavras contidas no tema «Aldeia Global»³:

«sem discernirem que, contrariamente ao mundo observado directamente, em que a relação com o real é absoluta, estão a consumir meros resumos simplificados da realidade, manipulados num fluxo de imagens de que são simples espectadores e cuja escolha, cadência e direcção não controlam nem têm possibilidade de verificar a veracidade»

Este «movimento autónomo do não vivo»⁴, a inversão concreta da vida, manifesta-se nos mais diversos aspectos da nossa sociedade: as **relações sociais** não existem senão como meros pontos de contacto entre as realidades separadas de cada indivíduo; o **trabalho** já não está em relação directa com o trabalhador, na medida em que o seu produto está separado da sua vivência e necessidades concretas; os **acontecimentos**, vividos através de mediações, não o são de facto, constituindo-se apenas como «pseudo-acontecimentos pré-fabricados»⁵; a **verdade**, mascarada na quase totalidade da extensão quotidiana em representações não-vividas, é apenas um curto e fugaz momento da falsidade generalizada; o **mundo**, efectivamente separado da sua verdade fundamental e da sua capacidade de viver realmente, unifica-se apenas na mentira ilusória e colectiva da pseudo-vida. No fundo, todos vivemos alienados e é apenas isso que temos em comum!

O espectáculo é o «instrumento de unificação»⁶ na mentira, em que os media são o seu veículo mais esmagador enquanto ferramenta efectiva do exercício do poder e auxiliar

² Debord (1991, pp. 1)

³ Mão Morta (1998)

⁴ Debord (1991, pp. 2)

⁵ Debord (1991, pp. 200)

⁶ Debord (1991, pp. 3)

prestimoso na construção deste «lugar do olhar iludido e da falsa consciência»⁷, em que «o verdadeiro é um momento do falso»⁸.

Para Debord o caminho para a construção do espectáculo não foi imediato, ainda que tenha como grande catalizador a Revolução Industrial. À medida que as sociedades foram evoluindo, deu-se uma **separação** progressiva entre real e a sua representação o que, aliado a uma **produção** e **consumo** crescentes, colocou finalmente as sociedades capitalistas num estado de **alienação**, desligadas do seu mundo, subjugadas a quem detém o poder, incapaz de se pensar a si própria de um modo crítico e, como tal, sem acesso à **história**. O epílogo, tal como entendido neste enredo, é a **supressão das ideologias** e respectiva substituição pela sua representação totalitária: o espectáculo - que é assim «o coração da irrealidade da sociedade real»⁹.

A Separação

Diz-nos Debord que a separação é um processo de cisão entre a vida realmente experienciada e o conjunto de representações que lhe vão conquistando o espaço e diminuindo o terreno efectivo. Este processo, que tem acompanhado o evoluir dos tempos, ganhou importante aceleração com as revoluções libertárias do final do século XVIII, que significaram a ascensão da burguesia e, com ela, a tomada definitiva das rédeas da humanidade por parte do poder económico e da lógica economicista. O impulso final e decisivo para essa irreversibilidade surgiu com a Revolução Industrial. «A realidade não existe. A fuga é para lado nenhum», canta Adolfo Luxúria Canibal em «Vamos Fugir»¹⁰, comungando desta ideia da impossibilidade de reverter a separação.

Do conjunto de alterações provocadas por este caminhar dos tempos destaca-se a transmutação do papel do trabalho, que deixou de ser uma actividade livre ligada às necessidades mais básicas da condição humana, passando a ser objecto de subjugação social. O trabalhador surge, assim, tal como Marx o tinha visto, separado do produto efectivo do seu trabalho, uma vez que já não produz o que precisa para usufruto próprio nem de modo a propiciar a troca directa de bens em seu benefício. Pelo contrário, a sua

⁷ Debord (1991, pp. 3)

⁸ Debord (1991, pp. 3)

⁹ Debord (1991, pp. 6)

¹⁰ Mão Morta (1998)

produção materializa-se repetitivamente em algo relativamente ao qual está desligado, do qual eventualmente só conhece uma pequena parte, e com o qual não mantém qualquer tipo de relação directa. Apenas quem detém o poder, quem dirige o espectáculo, tem acesso aos elos dessa imensa teia produtiva e à possibilidade de comunicação, manejando-os enquanto seu «atributo exclusivo»¹¹.

Paralelamente dá-se a deslocação do trabalho em não-trabalho, com a criação espectacular do lazer e dos tempos livres. Aqui ocorre a «submissão inquieta e admirativa às necessidades e aos resultados da produção»¹², revelando a omnipresença da amarra com que a actividade produtiva restringe a liberdade do trabalhador.

Assim se pode perceber que, com a sua conquista progressiva de todos os sectores da vida cada vez mais separada, no espectáculo se dá uma produção circular do isolamento, na medida em que os produtos seleccionados pelo sistema espectacular, solicitando e provocando efectivamente a adesão amorfa e não-contestatária, perpetuam e reforçam as condições para a ocorrência do isolamento das «multidões solitárias»¹³, ao mesmo tempo que é através dessa sua insularização que se criam as condições para o progresso e evolução produtivos. Esta separação, ao afectar todos os sectores da sociedade, encontra aí a única condição de unidade do espectáculo.

«O espectáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como esta, ele edifica a sua unidade sobre o dilaceramento. A contradição, quando emerge no espectáculo, é por sua vez contradita por uma reinversão do seu sentido; de modo que **a divisão mostrada é unitária**, enquanto que **a unidade mostrada está dividida.**»¹⁴

A Alienação

Guy Debord refere-se à alienação como sendo o estágio final do gradual processo de separação verificado nas sociedades dominadas pela ditadura da produção. «O espectáculo na sociedade corresponde a um fabrico concreto de alienação»¹⁵. É a separação em estado terminal de desenvolvimento!

¹¹ Debord (1991, pp. 26)

¹² Debord (1991, pp. 27)

¹³ Debord (1991, pp. 28)

¹⁴ Debord (1991, pp. 54)

¹⁵ Debord (1991, pp. 32)

O homem alienado nada mais faz do que contemplar, num bocejo apático, o resultado inconsciente do seu trabalho. Contempla, mas não vive. Porque se deixou enredar numa teia de representações que o colocam totalmente incapaz de experienciar o real.

E o caso é tanto mais grave quando «quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo»¹⁶. Ou seja, o homem-admirador esgota-se na boquiaberta admiração às representações dominadoras da pseudo-vida e na passividade da sua aceitação conformada, incapaz de autonomizar desejos ou necessidades. A um ponto tal que deles apenas conhece as espectaculares imagens brilhantes e apelativas, que não são mais que máscaras impeditivas da real observação e orientação mundanas. Não sabe para onde vai. Limita-se a seguir instruções, embrulhadas em luminoso papel de lustro. Adolfo Luxúria Canibal sintetiza esta convicção afirmando «Como a negra escuridão que sonega o existente muita luz torna indistinto o que está bem evidente»¹⁷. No meio de toda esta efusividade o homem não percebe que «o que verdadeiramente importa se mantém secreto. O que importa é saber onde raio se oculta o poder!»¹⁸.

É assim que o homem perde toda a sua autonomia pensante e a base de toda a sua realidade espaciotemporal, a um ponto tal que a totalidade do seu agir é tomada pela acção das representações espectaculares, que lhe dominam os passos, os gestos e os pensamentos, sendo que os seus verdadeiros proprietários são os múltiplos agentes do espectáculo, veículos de propaganda deste ou daquele estilo de vida.

A incapacidade de compreender a sucessão de acontecimentos, vividos difusa e fragmentariamente através das imagens, colocam-no num papel de observador apático, mas entusiasta, de momentos que não são os seus e não são, por si, integrados. Em suma, «anda eufórica toda a gente com a era da informação, fechada em casa, ligada à rede ou grudada à *teelvisão*»¹⁹.

Esta penúria real no cenário de dominação total e totalitária do espectáculo retiram ao homem, reduzido à dieta de espectador, qualquer possibilidade de orientação e de sentido de pertença num mundo tornado estranho, confuso e distante. Adolfo Luxúria

¹⁶ Debord (1991, pp. 30)

¹⁷ Mão Morta (1998), in «Falácia do Rentável»

¹⁸ Mão Morta (1998), in «Aldeia Global»

¹⁹ Mão Morta (1998), in «Aldeia Global»

Canibal adianta, em «É um jogo»: «É a nossa a vida que está em jogo. É a nossa a vida que outros jogam»²⁰.

A Produção e a Mercadoria

A mercadoria e indirectamente a respectiva produção, a tal actividade inconsciente do trabalhador / espectador, dominam a sociedade do espectáculo. Reconhecendo-a como «a nossa velha inimiga»²¹ o autor afirma que «nada mais se vê senão ela»²², uma vez que chegou já à «ocupação total da vida social»²³. A lógica espectacular postula cegamente, nesse sentido, que «O que aparece é bom. O que é bom aparece»²⁴.

A existência do dinheiro enquanto abstracção do conjunto de mercadorias espectaculares confirma a não-ligação entre o trabalhador e o produto do seu trabalho. Mas não só! Reafirma a dominação do poder económico sobre o todo da sociedade e lança uma nuvem negra sobre os verdadeiros rostos dessa dominação. Desconhece-se quem controla o espectáculo, mas sabe-se que o faz primordialmente através do dinheiro.

A mercadoria exerce o seu domínio totalitário a um tal grau que o homem alienado não reconhece o seu valor de uso, apenas o seu valor de mercado. Ela é auto-suficiente, bastando-se a si mesma para provocar ondas de entusiasmo em seu redor e a adesão imediata, irreflectida, apática, incondicional e unânime do *consumidor*.

A insatisfação decorrente do esvaziamento meteórico do valor de uso de uma mercadoria dá rapidamente lugar à adulação de um novo produto messiânico e nova promessa de satisfação total, também ela com prazo de validade limitado por essa mesma insatisfação, ousadamente elevada, pela direcção do espectáculo, à condição de mercadoria libidinosa, fonte de todos os desejos consumistas incontroláveis.

Tal como não se compreende a si próprio, incapaz de ver o essencial do seu mundo anestesiado, o homem alienado não compreende o seu desejo, desarmado por essa enxurrada de desinformação espectacular que o empurra de um produto para este outro

²⁰ Mão Morta (1998)

²¹ Debord (1991, pp. 35)

²² Debord (1991, pp. 41)

²³ Debord (1991, pp. 41)

²⁴ Debord (1991, pp. 12)

que lhe é conexo, e deste para o seguinte, perpetuando assim esse terrível jogo de enganos e a agonia do querer. E confirmando a mentira do obsoleto produto espectacular!

«Tudo assenta no consumo e produção. São as tetas desta nossa alienação»²⁵. Com esta afirmação, Adolfo Luxúria Canibal quer perpetuar a convicção de Debord de que a mercadoria é o resultado de toda a produção separada e a produção especializada da separação, reduzindo a essa condição fundadora todos os aspectos da sociedade: do trabalho aos tempos-livres, dos objectos aos pseudo-acontecimentos, da cultura à natureza, do poder ao tempo. Tudo é mercadoria!

O homem é igualmente mercantilizado sob a forma de *vedeta*, a representação espectacular do homem vivo encarada por Debord como a «especialização do vivido aparente»²⁶. A *vedeta* é capaz de assumir vários papéis, personificadores de diversos estilos de vida: a *vedeta do consumo*, por exemplo, concentra todo o poder de compra e sustenta as maravilhas intermináveis dos objectos possuídos; a *vedeta das artes* possui uma sensibilidade genial que lhe permite ditar postulados criativos e mobilizar assim os mercados culturais; a *vedeta do poder* reúne em si, indissociável e autocraticamente, um conjunto alargado de qualidades e capacidades que a tornam imaculada e cuja actuação é irrepreensível.

«O espectáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Não só a relação com a mercadoria é visível, como nada mais se vê senão ela: o mundo que se vê é o seu mundo».²⁷

Consumo e Acumulação

A adesão passiva e alienada à mercadoria espectacular traduziu-se na concentração abundante. A produção incessante origina uma corrente em delta de mercadorias massificadas que encontram no homem totalmente separado, e por isso incauto, o dique aglutinador de tão grande fluxo.

O consumo é, pois, alienadamente, tomado como um dever massificado, subjugado pela ditadura iconoclasta da publicidade e dos restantes mecanismos de manipulação da

²⁵ Mão Morta (1998), in «As Tetras da Alienação»

²⁶ Debord (1991, pp. 61)

²⁷ Debord (1991, pp. 42)

sociedade espectacular. É uma força oculta que, alimentada pelo combustível altamente inflamável da mercadoria-insatisfação, originou originalmente a degradação do *ser* em *ter* e, posteriormente, com a sua banalização, do *ter* em *parecer*. A acumulação faustosa de mercadorias surge, inevitavelmente, como o corolário natural desse processo de putrefacção do seu valor de uso. É por isso que «não morrer consumindo não se chama viver. O consumo é o aval para se ir produzindo e com seu crescer fecha o ciclo infernal»²⁸.

A consequência directa da concentração abundante é a ruptura total com as necessidades sociais reais, que deixam de se centrar na questão imediata da sobrevivência, já resolvida pelo desenvolvimento económico, para se situarem num patamar mais elevado a que Debord chama a *Sobrevivência Aumentada*, definindo-a como «a privação tornada cada vez mais rica»²⁹.

É neste contexto que nasce o *consumidor*, figura na qual se metamorfoseia o operário assalariado historicamente privado da sua concepção humana, numa falsa concessão bondosa da direcção do espectáculo que, atenta ao desenrolar do contínuo e excessivo processo de produção, não teve alternativa senão a de assegurar a sua colaboração na resolução da imperiosa necessidade de escoamento dos produtos espectaculares.

«O consumidor real torna-se um consumidor de ilusões. A mercadoria é esta ilusão efectivamente real, e o espectáculo a sua manifestação geral»³⁰.

O Fim da História

Ao ver-se privada, por via da alienação colectiva, da compreensão integrada da sucessão de acontecimentos realmente ocorridos a sociedade espectacular torna-se incapaz de se situar no movimento histórico. Pior ainda. A sucessão vertiginosa de pseudo-acontecimentos reduz a um simples instante a percepção do momento presente, desligado dos seus antecessores e sucessores, e não permite, porque não foi realmente vivido, o acesso à verdade histórica.

Trata-se do *fim da história* e da manutenção de um contínuo «presente perpétuo»³¹ ou, nas palavras de Adolfo Luxúria Canibal:

²⁸ Mão Morta (1998), in «As Tetras da Alienação»

²⁹ Debord (1991, pp. 44)

³⁰ Debord (1991, pp. 47)

«Esquecida a perspectiva da história colectiva todos falam sem temer que os possam desdizer. Sem futuro nem passado o presente é instante a outro instante colado».³²

A Supressão das Ideologias

Uma sociedade fragmentada, deixa antever Debord nesta sua perspectiva radical de observação do mundo, conduz à sua dissolução prática enquanto sociedade, porquanto perdeu toda a capacidade de se pensar e de se estruturar.

A alienação colectiva, conducente ao frenesim do consumo e acumulação, sonega ao homem a sua própria existência real e impõe-lhe a ditadura iconoclasta das imagens separadas, que constituem, paradoxalmente, uma confusa pluralidade de vozes.

É exactamente esta pluralidade de vozes que permite afirmar uma mercadoria-ideia como sendo a definitiva e, no segundo seguinte, negá-la com a apresentação da sua negação, imediatamente aceite, num acto colectivo de submissão amorfa, por todos os consumidores do mercado ideológico. É assim que Adolfo Luxúria Canibal nos diz que uma vez «esquecida a perspectiva da história colectiva, todos falam sem temer que os possam desdizer»³³, acrescentando ainda a esse respeito que «não se pode aferir se nos estão a mentir, se há mesmo novidade ou se é truque de mercado».

Por isso mesmo, o espectáculo, na sua profunda divisão revelada a todos os níveis, manifesta a sua unidade suprema: a de sistema ideológico único, empobrecedor, dominador e negador da vida real, directamente vivida.

Conclusão

Pela análise conjunta de «A Sociedade do Espectáculo» de Debord e «Há Já Muito Tempo Que Nesta Latrina O Ar Se Tornou Irrespirável», dos Mão Morta, constata-se que, para além de uma profunda comunhão de ideias se dá, por parte do grupo musical, uma tentativa da actualização do discurso de Guy Debord para esta sociedade profundamente mediatizada.

³¹ Debord (1991, pp. 108)

³² Mão Morta (1998), in «O Fim da História»

³³ Mão Morta (1998), in «O Fim da História»

Os principais aspectos da linha de pensamento do autor francês são explícita ou implicitamente glosados nos textos de Adolfo Luxúria Canibal, que assim contribui para a sua exposição pública.

Ainda que não seja um objectivo desta comunicação é interessante constatar e, eventualmente, estudar mais aprofundadamente, o autofagismo irónico das convicções de Debord: enquanto grupo musical, os Mão Morta fazem parte do mercado discográfico, que necessita do consumidor para subsistir. Ao veicular as ideias de Debord através de um disco – aliás como o próprio já tinha feito ao fixá-las em livro – transforma-as em *mercadoria* e o seu autor numa *vedeta* do *mercado ideológico*, disponibilizado ao grande público na forma de «servil condição de demanda»³⁴.

Mais, na medida em que o público aceitar placidamente a proposta dos Mão Morta, sem a contrapor com a sua própria concepção do mundo e da sociedade, estará a contribuir para o pseudo-conhecimento daquele autor e para a perpetuação do espectáculo!

E Debord vê-se assim apanhado no seu próprio redil, numa demonstração da fragilidade do seu próprio quadro de pensamento.

Bibliografia

Citador. *O Autofagismo do Meio Urbano* [em linha]. URL: <<http://www.citador.pt/pensar.php?op=10&refid=200411171446>>. Consultado em 29-12-2004.

Debord, Guy (1991), *A Sociedade do Espectáculo*, (1ª Ed.). Lisboa: Mobilis en Mobile.

Djik, Teun Van (1997). “Semântica do discurso e ideologia”, in Pedro, Emília Ribeiro (org) *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Ed. Caminho pp 105-222.

Fairclough, Norman (1995a). *Media Discourse*. London: Edward Arnold.

Halliday, M.A.K. (1989). *Language, Context, Text: Aspects of Language in a Social Semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Kurz, Robert (1999). *A sociedade do espectáculo trinta anos depois* [em linha]. URL: <<http://obeco.planetaclix.pt/rkurz98.htm>>. Consultado em 29-12-2004.

Mão Morta (1998). *Há Já Muito Tempo Que Nesta Latrina O Ar Se Tornou Irrespirável*. Lisboa: Nortedul.

Marshall, Peter (1992). *Demanding the Impossible* [em linha]. URL: <<http://catless.ncl.ac.uk/Obituary/debord.html>>. Consultado em 29-12-2004.

Miranda, José A. Bragança. *O Fim do Espectáculo* [em linha]. URL: <http://pwp.netcabo.pt/jbmiranda/jbm_debord.htm>. Consultado em 29-12-2004.

³⁴ In «Falácia do Rentável», Mão Morta (1998)

Soares, Dith Jones (s/d) *Análise do discurso na canção Buarqueana*. [em linha] URL: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-04.html>> Consultado em 01-02-2005